

A DISCIPLINA ESCOLAR COMO TECNOLOGIA DE PODER NA EDUCAÇÃO DO CORPO: UMA CONTRIBUIÇÃO DE MICHEL FOUCAULT PARA O CAMPO EDUCACIONAL

[DISCIPLINE AS TECHNOLOGY OF POWER IN THE EDUCATION OF THE BODY: A CONTRIBUTION OF MICHEL FOUCAULT TO THE EDUCATION]

Renato Bellotti Senicato¹

Luzia Batista de Oliveira Silva²

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

RESUMO : Objetiva-se discutir e refletir acerca do desenvolvimento da disciplina enquanto campo de saber que fundamenta o conceito de docilização dos corpos, a partir de sua operacionalização escolar. Destacam-se contribuições da História Social do corpo e da Genealogia do Poder em Michel Foucault, num recorte específico de sua obra *Vigiar e Punir* (2012). Contextualiza-se a gênese das formas de controle sobre o corpo nas categorias de escala, objeto e modalidade e a relevância do espaço e do tempo, como características particulares do processo de docilização do corpo. Articulando as ideias de história e vontade de verdade, exemplifica-se a escola como espaço desse processo. Estabelece-se como centro da discussão, o período da obra de Foucault em que a densidade das práticas que corroboraram para a elaboração da disciplina corporal tem conotação hermética, cujos elementos analisados em tal empreendimento, encontram-se ainda atuais nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Disciplina; Tecnologia de poder; Educação

ABSTRACT: This article aims to discuss and reflect on the development of the discipline as a field of knowledge that underpins the concept of docile bodies, based on its operationalization in the school. The contributions of the Social History of the Body and the Genealogy of Power in Michel Foucault are highlighted, in a specific excerpt of his work *Discipline and Punish* (2012). The genesis of the forms of control over the body is contextualized within the categories of scale, object, and modality, as well as the relevance of space and time, as particular characteristics of the process of docilization. Articulating the ideas of history and will to truth, the school is exemplified as a space of this process. The period of Foucault's work in which the density of practices that corroborated the development of bodily discipline has a hermetic connotation is established as the center of the discussion, whose elements analyzed in such an undertaking are still present today.

KEYWORDS: Discipline; Technology of power; Education

1 *Doutorado no Programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP na linha de pesquisa em Linguagem e Arte na Educação. Pesquisador financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: renatobellottisenicatto@gmail.com*

2 *Pós-Doutora em Antropologia pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PEPG da PUC-SP (2011-2013) com Estágio Pós-Doutoral e Professora Visitante na Faculté de Philosophie de l'Université de Bourgogne - Dijon/France (2011-2012); Atuou como professora do PPGSSE/USF (02/2015 à 02/2022). É pesquisadora no campo da Filosofia e da Educação. Pesquisadora com ênfase em Filosofia e Educação Crítica da Infância; Filosofia Moderna e Contemporânea; Filosofia Bachelardiana; Teoria Crítica e Educação; Poéticas da Infância e Imaginação Criadora. E-mail: lubaos@gmail.com*

INTRODUÇÃO

158

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.3, Dez., 2025, p.157-170

Um corpo e um território podem ser traduzidos como um “texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social.” (SOARES, 2006, p.109). Com imensa densidade, tal posição nos auxilia a compreender os significados e os sentidos que envolvem e transpassam o corpo pela história das práticas que o cercam, fazendo dele, uma tela através da qual é possível enxergar um recortes sociais e ebulição de culturas.

A densidade de significados pode atravessar o corpo e inscrevê-lo como principal sentido de sua presença humana no mundo, sendo ao mesmo tempo lugar e território que torna possível a vida, fazendo dele o substrato imediato pelo qual existimos e tateamos a nossa existência nas múltiplas relações que estabelecemos com os espaços através do tempo. Tamanha densidade permite-nos a compreensão de que “as múltiplas faces das dobras visíveis do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, na alimentação, no vestuário, nos objetos, mas sobretudo no corpo.” (SOARES, 2006, p.109).

O corpo, como espaço do ser integral, está inserido em espaços particulares do meio e com ele interage no compasso do tempo, dessa maneira, dispõe-se em todas as relações, materiais e simbólicas, constituindo o ser e, com ele, todas as referências individuais da parte no todo.

Destarte, compreende-se que “os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento.” (Soares, 206, p.110). Assim, o corpo é construído como a marca concreta que singulariza o ser humano permitindo, com a sua compreensão, que é histórica, cultural e social, tanto a compreensão da História quanto das diversas sociedades e suas práticas culturais e humanas.

As marcas geradas pelas relações que o corpo estabelece em determinado período, especialmente, quando se encontra inserido em determinada cultura pela qual pode ser afetado, transpassado, confere-lhe uma peculiar materialidade, dado, tratar-se da *educação do corpo*.

Essa educação se processa de forma espontânea pelas relações em que o corpo está estabelecido com a materialidade da vida, mas também se dá intencionalmente pela direção que recebe para alcançar determinada finalidade. Esta é “uma educação que se mostra com uma face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem.” (SOARES, 2006, p.110). Dessa maneira, o corpo educa-se não só pelos limites das relações que as coisas e os espaços lhes impõem, mas também porque variando de época a época, haverá um número de códigos sociais ou morais que moldam suas ações e seus costumes.

Os limites da realidade material moldam a educação do corpo, já que “a condição social se reconhece na carne de um indivíduo... Porque ele foi

fisicamente plasmado justamente pela educação física da matéria da qual é feito o mundo” (Pasolini, 1990, p.127).

Espontânea ou intencionalmente, o corpo é afetado e transpassado por um conjunto de práticas e, a partir delas, é pontualmente atingido e influenciado por significados que o moldam culturalmente, inscrevendo na carne toda a representação particular da cultura, fazendo-a “funcionar”.

Nesse sentido, “atos de extração ou de acréscimo em relação ao corpo remetem-no a determinados códigos e o submetem a normas que são internalizadas por um meticuloso processo de educação.” (Soares, 2006, p.109). A educação à qual o corpo está submetido se caracteriza a partir do entendimento que projeta sobre ele enquanto objeto passível de ser moldado e ter seus usos controlados.

Os dizeres de Soares (2006) desvelam o sentido de que os usos do corpo passam a ser controlados e dirigidos por um processo educativo, especialmente quando se destacam “diferentes pedagogias” como representação dos conjuntos de saberes específicos e organizados de forma a alcançar essa educação. Sentido complementando pelas palavras de Vigarello, ao dizer que “as pedagogias são portadoras de preceitos que dão aos corpos uma forma e os esquadrinham para submetê-los a normas, seguramente mais ainda que o pensamento.” (Vigarello, cf Soares, 2006, p.112).

Dessa maneira, se existem pedagogias que vão estabelecendo “imagens sugeridas, gestos induzindo, no silêncio, a posturas e comportamentos, frases anódinas onde palavras, sem parecer, desenham uma postura que mascarará uma elaboração semi-consciente ao mesmo tempo que laboriosa” (Vigarello cf Soares, 2006, p.112) confirma-se a existência de um conjunto de saberes que, fruto de práticas específicas, incidem sobre o corpo com a intenção de regulá-lo.

Dessa maneira, a existência de pedagogias cuja finalidade projetam sobre o corpo tanto o acabamento da forma quanto a intenção de uso, também nos chama a atenção de que, para além de uma educação que se plasma espontaneamente através da cultura, o corpo já foi constatado como objeto de uso do poder, visto que “governar o corpo é condição para governar a sociedade. O controle do corpo é, portanto, indissociável da esfera política.” (Santa’anna, 1996, p.246).

Esse saber que se constitui no contexto das relações corporais através da aplicação de práticas dirigidas, podemos denominar como disciplina e, certamente, Foucault nos auxilia a compreender sua gênese e utilização contemporâneas.

A DISCIPLINA COMO TECNOLOGIA DE PODER NA EDUCAÇÃO DO CORPO

Ao desenvolver o conceito de docilização dos corpos em *Vigiar e Punir* (2012), Michel Foucault (1926-1984) apresenta-nos pontual exemplo que nos permite compreender o corpo como território no qual é possível encontrar o reflexo do “espírito” das sociedades. Abordando a noção de disciplina, contextualizada pelas diversas práticas que incidem sobre o

corpo, visando, através de um processo de educação, o seu controle e a otimização da utilidade de seu trabalho, o autor demonstra como o corpo é o objeto no qual não só se projetam diversos anseios, mas pelo qual é possível alcançá-los quando submetidos à particularidade de determinadas práticas.

Importante exemplo que sugere esse entendimento é a compreensão acerca do comportamento desejado que é exigido do corpo do soldado, compreensão essa que, segundo Foucault, sofre alterações no desenrolar do século XVII para o XVIII. No século XVII nota-se clara reificação existente em relação aos atributos físicos necessários ao bom soldado em seu próprio corpo, pois “o soldado é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem (...)” (Foucault, 2012, p.131). Dessa maneira, é possível compreender que, nesse período, a imagem do bom soldado apresentaria determinado número de características em seu corpo, características que demonstrariam sua necessária condição para o desenvolvimento de atividades que estariam dadas, segundo Foucault, como “uma retórica corporal da honra.” (2012, p.131).

Com o passar do tempo e, muito possivelmente, o desenrolar de novas necessidades e possibilidades que se colocaram para o corpo do soldado, a partir do século XVIII, ele “se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa, corrigiam-se aos poucos as posturas” (Foucault, 2012, p.131). Se, antes, ao bom soldado era necessário possuir certo número de atributos que permitia que assim o reconhecessem através da demonstração que se fazia inerente ao próprio corpo, o passar do tempo e a possível acentuação de uma nova necessidade faz com que o bom soldado passe a ser produzido pelo processo de educação ao qual seu corpo é submetido. Esse processo é tão intenso, cuja síntese Foucault nos apresenta afirmando que “em resumo, foi ‘expulso o camponês’ e lhe foi dada a fisionomia de ‘soldado’.” (2012, p.131).

A posição que Foucault constrói ao esquadrihar os entendimentos e os usos que se faziam do corpo, reforça a compreensão de que o olhar e o tratamento a ele dispensados sofrem alterações no desenrolar da História. Dessa maneira, compreende-se que a concepção de corpo que se tem em determinado período não é a mesma que se terá em outro. De igual forma, o tratamento dispensando ao corpo, seguindo parte do entendimento que dele se faz em determinada época, não será o mesmo em outra. Nesse processo de compreensão das diversas formas de encarar e tratar o corpo há ainda que se respeitar a singular particularidade que as diferentes sociedades resguardam a si pela multiplicidade de culturas existentes no mundo.

Foucault (2012) marca a época clássica como sendo aquela em que o corpo é “descoberto” como objeto de exercício de poder. O filósofo esclarece que essa descoberta não é inédita a partir do entendimento de que somente posterior a ela o corpo se tornaria objeto de diversas intervenções a ele dispensadas, pois “não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.” (Foucault, 2012, p.132).

Entretanto, o afunilamento das limitações e das obrigações impostas

ao corpo nos permite inferir seu processo de docilização. Por corpo dócil, compreende-se o corpo submetido a determinadas práticas cuja finalidade é educá-lo, docilizá-lo num processo de condicionamento que o seu uso possibilite proveito para a consecução de determinado fim. O corpo dócil é um corpo passível de ser moldado. Enfim, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (Foucault, 2012, p.132).

A particularidade destacada por Foucault e reconhecida em determinado período histórico está justamente no reconhecimento do corpo como objeto de poder e na constituição de um campo de saber que se processa através de práticas que incidem sobre o corpo e possuem finalidade intencional: o seu controle e, através desse, a otimização dos recursos que ele produz. É isso que faz com que Foucault ressalte que, mesmo reconhecendo que o corpo já sofria intervenções, novidades são constatadas no arcabouço dessas técnicas.

Em sua análise, Foucault apresenta-nos as novidades acerca dessas técnicas dividindo-as em três categorias que estão intimamente atreladas a intencionalidade do controle: a primeira é a da *escala* desse “cuidado”, que deixa de ser exercida de forma geral ou em “*grosso modo*”, e passa a se exercer sobre o corpo detalhada e minuciosamente. Foucault compara esse cuidado minucioso do corpo “ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo.” (2012, p.132-133). A segunda categoria é a do *objeto* desse controle, que transfere a efetividade da ação dirigida sobre os comportamentos significativos ou importantes do corpo e passam a gerir o seu aproveitamento e desempenho criando uma economia sobre “a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício.” (Foucault, 2012, p. 133). A última das três categorias acerca das técnicas de cuidado do corpo é a da *modalidade*, que passa a acentuar o controle contínuo e constante do corpo “que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos.” (Foucault, 2012, p.133).

Essas formas que se exercem e que pretendem fazer do corpo um objeto cada vez mais obediente e útil são dadas por um conjunto de práticas, as quais o corpo é submetido e revelam o denso traço daquilo que vai se constituindo como campo de saber. Se, como mencionado, “muitas coisas são novas nessas técnicas”, certamente o seu alcance é o corolário dessa força controladora que se estabelece sobre os corpos, pois “as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.” (Foucault, 2012, p.133). O corpo passa ser objeto de exercício de uma carga de poder que o compreende, desconstrói e reconstrói segundo as intencionalidades e finalidades para determinados usos que o querem cada vez mais passivo e produtivo. Essa intencionalidade é o que permite, através do controle e da disciplina aos quais o corpo é submetido, governar suas forças e canalizá-las para determinada finalidade. Intento a partir do qual “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A

disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).” (Foucault, 2012, p.133-134).

A força que esses mecanismos incorporam e que permitem seu reconhecimento em várias instituições sociais até os dias atuais é respaldada pela meticulosa organização e pela calculada implementação que rege os espaços e tempos onde os corpos estabelecem suas relações. Enquanto condições que estabelecem e organizam a realidade da existência e da vida, espaço e tempo são dispostos segundo a lógica do controle para a consecução de finalidades próprias.

Foucault enfatiza que “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço.” (2012, p.137). O filósofo denomina a organização espacial de “*a arte das distribuições*”, pois esta segue preceitos minuciosos. Dessa maneira, é possível compreender que o espaço é o campo de possibilidades para o estabelecimento das relações do corpo com o meio, logo, organizar sua distribuição permite regular a apropriação desse espaço pelo corpo marcando detalhadamente seu campo de atuação.

Foucault (2012) aponta para o sentido da necessidade da contingência dos corpos num espaço específico do qual a ação disciplinar não possa se esquivar. Dessa maneira, temos ilustrada a territorialização de um desses preceitos que é a clausura, ou seja, um local específico para abrigar determinado grupo de pessoas no qual será desenvolvido determinado tipo de atividade segundo sua finalidade. Exemplos desses espaços são os colégios, os quartéis, as prisões.

Entretanto, se é possível constatar a necessidade de um espaço específico que abrigará um grupo de pessoas para o desenvolvimento de atividades específicas, a clausura, por si só não é suficiente para atingir os anseios da disciplina. A disciplina apresenta-se capaz de regular as mínimas manifestações do corpo a fim de otimizar o aproveitamento de seus recursos. Dessa maneira, “o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir.” (Foucault, 2012, p.138). É essa repartição minuciosa que garante a ordem desejada possibilitando “anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração.” (Foucault, 2012, p.138).

A organização do espaço demarca de antemão a extensão do comportamento esperado do corpo que o integrará, e é essa organização meticulosamente projetada que permite disciplinar as posições, gestos, movimentos. Convertendo-se numa regra que Foucault denomina de “*localizações funcionais*”, nas instituições, o estabelecimento dessas posições permite “codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil.” (Foucault, 2012, p.139).

Uma organização específica dentro de um espaço delimitado acaba por refinar a intensidade de poder disciplinar exercido sobre os corpos.

O controle torna-se mais eficaz, pois cada indivíduo ocupa um espaço delimitado, evidenciando a distância existente entre os vários indivíduos. Essa categorização do espaço pela divisão aumenta a visibilidade e, conseqüentemente, a vigilância e a possibilidade de controle. Exemplo que ilustra essa premissa é a disposição organizacional dos corpos no espaço em filas e colunas. É na constituição de uma teia relacional em que se visualiza o cruzamento de uma linha e uma coluna, e se percebe os intervalos de uma série inteira, que a vigilância se estabelece como meio eficaz para o exercício disciplinar de controle. O espaço assume uma perspectiva estruturada em que a disciplina se apresenta como “arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”. (Foucault, 2012, p.141).

Emerge como substancial exemplo dessa divisão operada na concentração e organização espacial, o arranjo que se encontra nas escolas, em que a disposição dos corpos é milimetricamente programada e pré-determinada por uma premissa que se ancora na perspectiva da ordem. Essa maneira ordenada de organizar o espaço da escola “tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.” (Foucault, 2012, p.142).

Demarcando o território do poder e do saber, a organização dos espaços concretiza importante elemento no processo de disciplinarização dos corpos, pois permite o reconhecimento da medida e da estratégia que regula suas ações. Esses, “são espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos.” (Foucault, 2012, p.142).

Está no reconhecimento desses espaços como sendo ao mesmo tempo marcadores de lugares e indicativos de valores, a caracterização dessa tecnologia pelo poder e pelo saber. Primeiro porque a prática da organização incide sobre o corpo que é inserido num espaço que regula sua ação. Segundo porque, intrínseca a essa prática, está contida determinada forma de enxergar e modificar o mundo em que se reconhece o estatuto da verdade, autorizando a consecução de uma finalidade específica.

É na trilha da constituição de uma minuciosa tecnologia de controle e disciplina que são exercidos sobre os corpos inseridos em determinadas instituições e abrangendo em larga escala o corpo social, que Foucault considera que “o quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma ‘ordem’.” (Foucault, 2012, p.143).

Nessa trama de relações mediadas pelo saber e pelo poder na construção de um projeto disciplinar que incide sobre o corpo na perspectiva da ordem, o espaço, não só do meio, mas do próprio corpo, ou seja, o

território corporal, torna-se o plano concreto em que determinadas práticas se estabelecem e são mediadas por outra importante característica do viver, o tempo. Como na atividade de um músico, o instrumento é o espaço em que ele opera sua arte, e o tempo é a medida que ele usa entre o silêncio e o ruído para produzir a música segundo os arranjos que articula através do som. Também o corpo é um espaço em que os mais singelos atos são regidos pela organização temporal.

Ao detalhamento do controle do tempo no interior dos espaços, Foucault dará o nome de “*controle da atividade*”. Essa compreensão do uso minucioso e controlado do tempo que incide sobre a atividade do corpo exigindo-lhe o aperfeiçoamento e a perfeição dos mais singelos atos, permite o entendimento da profunda transformação dos atos corporais organizados quase que na função precisamente programada de uma máquina. Foucault demonstrará que o horário, seja constatado na organização dos mosteiros, do exército e da atividade fabril, é uma importante influência desse processo. Nesses contextos, o tempo demarcava um limite de ação que permitia, em certo grau, o controle de atividades. Com o refinamento dessas técnicas de controle, torna-se possível falar na “*elaboração temporal do ato.*” (Foucault, 2012, p.146).

Com a regulação do tempo em relação ao aprimoramento do gesto, instaura-se uma nova demanda plasmada pela perspectiva temporal. Esses sentidos nos permitem visualizar como que a penetração de uma nova atitude na carne, regulada e compassada pelo tempo. É de acordo com essa disposição que “O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder.” (Foucault, 2012, p.146).

Foucault salienta esse exemplo quando destaca diferentes formas de se estabelecer a marcha das tropas. Numa referência do século XVII, o soldado é orientado a marchar em filas, através das quais o batalhão se organiza, seguindo a cadência do som do tambor. Numa segunda ilustração, do século XVIII, nos é apresentado um exemplo detentor de maiores minúcias, em que o cumprimento e a duração dos passos são diferentes, bem como a distância exata que os membros do corpo devem tomar entre si. Dessa maneira, “o ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão.” (Foucault, 2012, p.146). Esses sentidos nos permitem a compreensão de uma profunda conexão entre a anatomia do corpo e o tempo que rege o movimento.

Essa dinâmica de poder cujo exercício funde o espaço e o tempo, administrando os usos corpóreos, intensifica o jogo disciplinar em que se conciliam “o corpo e o gesto postos em correlação” (Foucault, 2012, p.147). Como essa gerência temporal do gesto prevê a otimização dos recursos produtivos das atividades em que o corpo se estabelece, a regulação do gesto mínimo é encadeada por uma ação pontual do tempo que rege a busca de sua perfeição. O que se prevê é, dessa forma, que todo o corpo passe a agir de maneira perfeitamente regulada e otimizada.

Com a influência da busca pelo gesto perfeito, é possível compreender

a regulação não apenas do gesto e a otimização de seu rendimento, mas a otimização e o maior rendimento do próprio tempo, que é gerada pelo aprimoramento do gesto. Nesse sentido, economizar tempo, sem o desenvolvimento errôneo do gesto passa a ser aumentar o rendimento e a produção. Dessa maneira, “no bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do gesto mínimo.” (Foucault, 2012, p.147).

Foucault ilustra-nos de forma interessante o atrelamento da cadência temporal ao aprimoramento do gesto quando descreve, por exemplo, todos os passos apresentados por um manual de conduta das escolas cristãs visando o satisfatório desenvolvimento do ato da escrita. Dirá sobre isso que “uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica – uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador.” (Foucault, 2012, p.147). Esse atrelamento da ordenação temporal ao desenvolvimento do gesto parece ser tão profundo e importante para a conduta disciplinar que “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.” (Foucault, 2012, p.147).

O tempo encarna-se no corpo aprimorando o desenvolvimento do gesto. Ao gesto, que é dirigido, são incorporados objetos que o corpo utiliza para o desenvolvimento de determinada função. Dessa forma, o corpo passa a ser submetido a um regime relacional tão intrínseco com o objeto, que parecem fundirem-se e tornarem-se um só através do estabelecimento preciso do gesto que une o corpo e a coisa, pois a “disciplina define cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula. Ela estabelece cuidadosa engrenagem entre um e outro.” (Foucault, 2012, p.147).

Essa profunda intimidade que se estabelece entre o corpo e o objeto, e é mediada pelo gesto, segue duas direções: tanto a compreensão precisa de como se posicionam as partes do corpo necessárias ao desenvolvimento da atividade, quanto o entendimento e a justa manipulação de cada parte do objeto que será acoplada ao uso do corpo. Se o tempo parece encarnar-se no desenvolvimento do gesto, e a relação estabelecida entre corpo e objeto parecem os tornarem um só, tem-se uma equação em que poder se exerce e se encarna no corpo, regulando seus usos através da disciplinarização. Nesse sentido, “sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro.” (Foucault, 2012, p.148).

As amarras que o poder constrói nessa relação entre o corpo, o espaço, o tempo e o objeto, vai explicitando a particular minúcia que a disciplina desenvolve no controle e otimização dos recursos produtivos gerados pela atividade corporal.

Essa compreensão permite-nos entender “a utilização exaustiva” à qual o corpo é submetido. Se o estabelecimento da disciplina que incide sobre o corpo tem a ver com o horário, Foucault permite-nos a compreensão deste como elemento que impede a perda do tempo. Mas a disciplina se caracteriza ainda mais minuciosamente se compreendemos que o desenvolvimento

dessas técnicas vai se tornando cada vez mais pormenorizado de modo que, do tempo passasse a extrair o aproveitamento regulado de cada segundo, pois “a disciplina organiza uma economia positiva; coloca o princípio de uma utilização teoricamente sempre crescente do tempo: mais exaustão que emprego; importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis.” (Foucault, 2012, p.148).

A organização da escola comum é um dos exemplos desse uso pormenorizado do tempo e de uma “utilização exaustiva”. A disposição de vários estudantes no mesmo espaço, regidos pelo mesmo tempo, promove a otimização do aproveitamento das finalidades escolares. Não só temporalmente regulada por aparatos que demarcavam o compasso das atividades, essa organização “permitia desviar o caráter linear e sucessivo do ensino do mestre; regulava contraponto de operações feitas, ao mesmo tempo, por diversos grupos de alunos (...), de maneira que cada instante que passava era povoado de atividades múltiplas, mas ordenadas (...)” (Foucault, 2012, p.149).

O corpo, se compõe como novo objeto cujo trabalho é enxergado pelo viés do melhor aproveitamento de seus resultados. Dessa maneira, é pertinente questionarmos com Foucault: “Como capitalizar o tempo dos indivíduos, acumulá-lo em cada um deles, em seus corpos, em suas forças ou capacidades, e de uma maneira que seja suscetível de utilização e de controle? Como organizar durações rentáveis?” (2012, p.152).

O filósofo utiliza o exemplo da organização militar para responder a esses dois questionamentos. Nos são ilustradas quatro etapas da organização militar que são verificáveis na organização do tempo escolar que rege as atividades em seu espaço: (i) a necessária “divisão da duração em segmentos”, isso quer dizer que, cada coisa será feita em sua hora, objetivando uma finalidade específica; (ii) a organização das “sequências segundo um esquema analítico” no qual as atividades não devem ser enxergadas como um todo, mas subdivididas em partes elementares, para um desenvolvimento metódico, aprimorado; (iii) marcar a finalização desses segmentos pelo tempo e pelo exame, “fixar-lhes um termo marcado por uma prova, que tem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e diferenciar as capacidades de cada indivíduo.” E (iv) estabelecer a subdivisão no interior das próprias séries, “prescrever a cada um, de acordo com seu nível, sua antiguidade, seu posto, os exercícios que lhe convêm.” Foucault é enfático ao dizer que “esse é o tempo disciplinar que se impõe pouco a pouco à prática pedagógica (...)”. (2012, p.152-153).

Citando “a organização das gêneses”, Foucault nos diz que “os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. Em suma, um tempo evolutivo.” (2012, p.154). O filósofo também nos diz que as técnicas administrativas e econômicas demonstravam a existência de um tempo em série; e que as técnicas disciplinares inscrevem um tempo serial e individual. O primeiro exemplo denomina-se nos termos do progresso, o segundo, nos termos da gênese. Atrelando, dessa maneira, sociedade e

indivíduo, “essas duas grandes ‘descobertas’ do século XVIII são talvez correlatas das novas técnicas de poder e, mais precisamente, de uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por seriação, por síntese e totalização.” (Foucault, 2012, p.154).

A valorização do segmento, série, síntese e totalização, enquanto características supervalorizadas pelas instituições disciplinares é o que talvez nos faça pensar que “uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história (...), mas a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações.” (Foucault, 2012, p.154-155).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo é o território, a moldura do ser integral, raiz que sustenta o indivíduo como parte do todo, resumo do humano que se constrói como reflexo histórico da sociedade por um processo de educação. Essa educação se processa principalmente de duas maneiras: espontaneamente, pela relação que estabelece com a realidade e, de forma dirigida, construindo, aprimorando e regulando as funções que se consideram necessárias para o recorte espaço-temporal em que estão dados os indivíduos.

Foucault nos demonstra que tratar o corpo segundo algumas práticas próprias para o seu cuidado não é uma constatação que se possa localizar na contemporaneidade, mas que a efetividade de um conjunto de práticas dirigidas para o controle do corpo é algo que vai se apresentando como novo e constituindo, dessa maneira, um novo saber, uma conduta disciplinar cuja aplicação acaba por instituir um regime de docilização dos corpos, ou seja, a sua transformação e, a partir dessa, o proveito para alguma finalidade.

Em sua análise, afirmações de profundo sentido, tais como a de que “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (2012, p.133), e que “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (2012, p.134), Foucault organiza em três categorias as novidades referentes às técnicas de controle do corpo. São elas: a escala, o objeto e a modalidade.

O aperfeiçoamento ou a criação dessas técnicas de controle do corpo marcaram o entendimento daquilo que se esboça como uma tecnologia para a educação e controle dos corpos. Dentro desse quadro formado pela escala, que trata das minúcias, do objeto, que estabelece uma economia das forças e da modalidade, que regula a intensidade ininterrupta, o corpo torna-se o campo de exercício do poder, e esse conjunto de premissas, é o que nos permite compreender o nascedouro ou o estabelecimento de uma tecnologia de controle do corpo, baseada e fundamentada numa determinada forma de conhecimento, que chamamos de disciplina.

Esse saber que se constitui sobre o corpo e as práticas de seu controle torna-se cada vez mais minucioso, já que desvela as condições em que destaca o próprio poder penetrando a carne, moldando seus usos e ampliando seus rendimentos. O aumento do rendimento do trabalho do corpo é a finalidade desse denso exercício de poder sobre a carne, regendo os mais singelos

gestos do corpo. Para tanto, o desenvolvimento dessas técnicas torna-se cada vez mais pormenorizado, aumentando seu alcance e sua efetividade.

Problematizar a temática das práticas de exercício do poder nos termos do desenvolvimento de uma tecnologia é compreender o desenvolvimento de algo complexo que não está diretamente relacionado ao aparato físico, mas que, complexa porque composta, mescla, entre a forma e o conteúdo, as potencialidades de sua implementação e seu funcionamento.

Nesse sentido nos aproximamos da compreensão de Foucault (2012) quando menciona não ser exclusivo dos tempos mais recentes despender cuidados ao corpo. Essa localização permite-nos o entendimento da distinção entre a técnica e a tecnologia, sendo a primeira relativa a determinados procedimentos e a segunda adquirindo um sentido mais profundo, pois atrelado a anseios e significados que a exigem mais minuciosa, pormenorizada.

Compreender o desenvolvimento da tecnologia é conceber que ela nasce e se aprofunda sobre o “estudo dos procedimentos técnicos, naquilo que eles têm de geral e nas suas relações com o desenvolvimento da sociedade.” (Lalande, 1999, p.1111). O aprimoramento desses procedimentos técnicos isolados, que intencionalmente se aglutinam em uma nova concepção e aplicabilidade, culmina no nascedouro da tecnologia e é marcado pelo aprofundamento de seus usos e aplicações pelos pressupostos analíticos de aplicação, pela compreensão das reais condições do desenvolvimento dessa aplicação e pelos resultados gerados a partir dessa aplicação. Esses elementos podem ser reconhecidos nos apontamentos foucaultianos acerca da disciplina e seus usos sobre o corpo, diferenciando marcadamente comportamentos esporádicos dispersos na ordem social de práticas dirigidas e marcadas por uma finalidade que se desenvolve a partir do reconhecimento do corpo como objeto de poder.

A efetividade desse exercício e a constituição de um campo de saber que emerge em torno dele com face intensa leva Foucault a descrevê-lo como uma “anatomia política” e uma “mecânica do poder”. Se há uma invenção desse processo, ela não foi dada de súbito, mas revela um universo plural em que se reconhecem os mecanismos que em determinado momento ganham força e torna-se possível o seu reconhecimento em diversas instituições sociais.

Dessa maneira, é possível compreender que, a localização do corpo, seu eficaz esquadrinhaento, e o aperfeiçoamento de seus usos ocorrem de maneira precisa ao mesmo tempo que abrangente. Esse aprimoramento minucioso das técnicas que incidem sobre o corpo permite a Foucault constatar o nascedouro ou a gênese contemporânea de uma nova forma de conhecimento denominada, em profundidade, como disciplina. É, propriamente a marca de “uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer (...)” (Foucault, 2012, p.133).

O controle exercido sobre os corpos se ancora num conjunto de práticas, que exemplificadas por Foucault refletem o uso que várias instituições

sociais fizeram/fazem desses mecanismos. Mas parece apropriado que um desses exemplos contemple a ilustração atualizada dos usos da disciplina na contemporaneidade: a escola.

A visualização da escola como exemplo de instituição cuja frequência é obrigatória e de espaço regulado pela disciplina advém das proposições do próprio Foucault que, ao falar da “*organização das gêneses*”, nos permite compreender o que há de central nessa comparação relacional entre a disciplina que incide sobre o corpo e é mediada pelo tempo na regulação da atividade e possui relação com a educação escolar. Foucault permite-nos o entendimento de que o campo da educação é objeto e alvo de densos exercícios de poder, pois “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (2008, p. 43-44).

Dessa maneira, a escola, enquanto espaço que é, e profundamente organizada pela distribuição temporal, caracteriza singular exemplo do uso da disciplina. Nota-se nesse exemplo duas possibilidades de leitura de uma ação acentuada do poder, a primeira, pelo tempo, acima mencionada, e a segunda, pelo próprio espaço arquitetural, seu espaço físico, pois “há uma domesticação silenciosa das paredes, muros, estruturas arquitetônicas (...).” (Soares & Zarankin, 2004, p.28). Esse exemplo torna mais fácil a compreensão de como alguns predicados destinados ao controle social daqueles que são tidos como desviantes são apropriados pelo discurso educacional e incorporados, por exemplo, na organização espacial da escola.

Se o tempo regula a atividade que é desenvolvida no espaço com o propósito de potencializar seus resultados, a própria estrutura física apresenta-se como discurso que dimensiona as possibilidades de apropriação dos espaços pelos corpos. A organização arquitetônica dos espaços, e certamente das escolas, está repleta de intencionalidades. Dessa maneira é possível pensar que “as formas atuais das escolas, as prisões, os hospitais, as moradias familiares, as cidades em seu conjunto representam um modelo de sociedade, um modelo de indivíduo adequado e útil ao sistema predominante.” (Soares & Zarankin, 2004, p.28). Mesmo sem falar, o espaço diz, e cria, nos limites que expressa, toda uma dinâmica de poder daqueles que o utilizam.

Foucault caracteriza o poder como um fenômeno social, que se exerce em teia, de e para todos os lados, diz que “onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro (...).” (Foucault, 2012, p.138). A afirmação de Foucault revoluciona as interpretações do poder enquanto fenômeno, pois o pulveriza dotando a todos da capacidade de seu exercício.

Se todos podem exercer o poder, como é possível a constituição de um campo de saber como o da disciplina cujas práticas incidem sobre o corpo com tamanha efetividade? Ao caracterizar todas as formas de educação como uma maneira de regular a apropriação dos discursos, Foucault instaura o caráter institucional como aquele no qual há a possibilidade de dominação do outro. A disciplina, aplicada no interior de uma instituição e respaldada

por ela, permite dominar os que estão sob seu alcance.

Foucault permite ao pensamento deslocar-se na construção da imagem da imposição de um discurso de verdade, sobretudo porque “a historicidade ‘evolutiva’ (...) está ligada a um modo de funcionamento do poder (...)” (2012, p.155). A escola regula a apropriação dos discursos, não só os virtuais através do conhecimento atrelado à “vontade de verdade” como estatutária do “verdadeiro sentido da história”, mas também os corporais pela dimensão do espaço.

Essa teia de poderes em que é possível enxergar a escola, abrange a dimensão do caráter institucional, as delicadas relações de vontade de verdade presente no questionável conceito de linearidade histórica e a síntese do tempo e do espaço como marcadores de lugares e indicativos de valores no exercício da disciplina como tecnologia de poder.

Perguntado se existiria “um fantasma corporal no nível das diferentes instituições”, Foucault nos alerta para o fato de “que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.” (2012, p.235).

Tal quadro tece o plano dos enormes desafios contemporâneos se o que se almeja é um processo educativo para a liberdade. Isso porque, ainda hoje, mesmo distantes do período histórico representado pelas contribuições de Foucault, a escola tem apresentado as características virtuais e materiais de uma instituição comprometida com uma formação essencialmente disciplinar no que concerne ao corpo. Destarte, é possível reconhecer no *corpus* da organização escolar tanto os elementos virtuais que se reconhecem por técnicas administrativas e econômicas, bem como a íntima relação com o segmento unitário e totalizante do tempo que permitiu o desenvolvimento de técnicas de dominação que se tornam potencialmente mais fáceis de levar a cabo quando se detém os mecanismos para docilizar os corpos, assentando um regime referencial e obediente sobre a própria vida que eles sintetizam.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25.ed. São Paulo: Graal, 2012.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpo e História. Cadernos de subjetividade*, n.2, vol. 3, São Paulo, PUC/Educ, 1996.
- SOARES, Carmen Lúcia; ZARANKIN, Andrés. *Arquitetura e educação do corpo: notas indiciais*. *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI*. Campinas, SP, n; 10, 2004.
- SOARES, Carmen Lúcia. (Org.) *Corpo e história*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.